

Estudo do estado de conhecimento: o “ser professor/a” na perspectiva da educação popular

Guilherme Sousa Machado^{*}

Tiago Zankêta de Souza^{**}

Gercina Santana Novais^{***}

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica referente ao projeto de intitulado “O professor na perspectiva da Educação Popular”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba e à REDECENTRO – Rede de Pesquisadores(as) sobre o Professor na Região Centro-Oeste/Brasil. Tal projeto contou com bolsa de apoio à pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – 2018/2020) e tomou por objeto de estudo o/a educador/a popular que atua no contexto escolar na condição de professor/a.

Os/As pedagogos/as inscritos no universo da Pedagogia Crítica – com um forte viés materialista-dialético – chamavam de “Educação Popular” a que faziam nos movimentos e nas organizações sociais, considerando aquela desenvolvida por outros/as educadores/as, especialmente pelos/as que trabalhavam na escola, como “burguesa”, “não-popular” e, até mesmo, como “antipopular” (ROMÃO; GADOTTI, 2007).

No Brasil, a Educação Popular passou, nitidamente, por cinco fases: Popular Nacional-Desenvolvimentista (1954-1963); Popular da Resistência (1964-1985); Popular

^{*} Graduando de Psicologia pela Universidade de Uberaba. Foi aluno de Iniciação Científica com bolsa CNPq (2018-2020).

E-mail: guilhermesousamachado@hotmail.com.br

^{**} Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado) e do Programa de Pós-Graduação em Educação: formação docente para a Educação Básica – Mestrado Profissional, ambos da Universidade de Uberaba. Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas (FORDAPP).

E-mail: tiago.zanketa@uniube.br

^{***} Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação: formação docente para a Educação Básica – Mestrado Profissional, ambos da Universidade de Uberaba. Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente, Direito de Aprender e Práticas Pedagógicas (FORDAPP).

E-mail: gercina.novais@uniube.br

Ambígua (1986-1999); Eutanásia Pedagógica (1999-2002); Popular Cidadã (2003-2010) (ROMÃO; GADOTTI, 2007), que constitui uma história muito rica, na qual estão envolvidos/as numerosos/as educadores/as, inúmeros movimentos sociais e populares, sem falar no próprio Estado. Ela está ligada a todo um movimento que busca, por um lado, a extensão da educação escolar para todos/as e, por outro, a formação social, política e profissional, sobretudo, de jovens e de adultos/as excluídos/as da escola regular na idade própria. Desse modo, de antemão, conseguimos afirmar que o/a educador/a popular é, então, aquele/a que tem por fim a realização dessa Educação, onde quer que desenvolva seu trabalho e sob quaisquer condições.

Isso se deve, em grande parte, à atuação internacional de um dos seus mais importantes representantes: Paulo Freire. Ele deixou, por onde passou, as sementes de uma concepção popular emancipadora da educação. Essas sementes floresceram em numerosos grupos e organizações, unindo conscientização e organização popular (ROMÃO; GADOTTI, 2007).

Quanto ao papel do/a educador/a popular que atua no contexto escolar, entende-se ainda a necessidade de melhor conhecê-lo, defini-lo e identificá-lo, a fim de desenhar o perfil e caracterizar suas funções, considerando-se para isso, as condições de seu trabalho, uma vez que esse perfil está diretamente ligado a intervenções socioeducativas realizadas por elas/es e que vai configurar aspectos de docência. Nisso consiste pensar o “ser professor/a” na perspectiva da Educação Popular, o que implica, necessariamente, a compreensão do que se concebe como educador popular, uma vez que profissionalmente é também entendido, quando em atividade escolar, como um/uma professor/a.

A questão de estudo que orientou a pesquisa foi: qual é o perfil e as funções do/a educador/a popular, considerando as condições de seu trabalho na escola, uma vez que esse perfil está diretamente ligado a intervenções socioeducativas realizadas por elas/es e que vai configurar aspectos de docência?

Para respondê-la, foi traçado o seguinte objetivo: identificar e analisar o perfil e as funções do/a educador/a popular, especialmente vinculado/a à escola, valendo-se para isso, do estudo do Estado do Conhecimento, conforme veremos adiante.

Assim, o artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos a metodologia que subsidiou a realização da pesquisa. Em seguida, apresentamos o referencial teórico que a sustentou para, por último, trazermos os resultados das análises empreendidas.

Metodologia da pesquisa

Para a realização da pesquisa, o procedimento metodológico adotado foi o estudo do Estado do Conhecimento, que no entendimento de Morosini (2015, p. 102), “[...] é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”.

Segundo Morosini (2015) o Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. Permite-nos entrar em contato com os movimentos atuais acerca do objeto de investigação, oferecendo-nos uma noção abrangente do nível de interesse acadêmico e direcionando, com mais exatidão, para itens a serem explorados – reforço de resultados encontrados ou criação de novos ângulos para o tema de estudo – abrindo, assim, inúmeras oportunidades de enriquecimento do estudo. Nesse sentido, a construção do Estado de Conhecimento fornece um mapeamento das ideias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema em tela.

Os procedimentos adotados durante a execução metodológica foram: levantamento bibliográfico por meio da seleção de teses e dissertações veiculadas à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), dos últimos 4 anos (entre 2015-2018); leitura e discussão sobre a produção científica encontrada; constituição do *corpus* de análise a partir dos trabalhos selecionados segundo os critérios propostos na ficha de análise. A partir da constituição do *corpus* analítico, as fases seguintes envolveram: leitura flutuante do *corpus*, conforme propõe Bardin (1979); realização das análises, inspirados na análise de conteúdo (BARDIN, 1979); e produção textual.

Nesta pesquisa, o Estado de Conhecimento é útil para compreendermos, tomando as produções alvo de investigação, o perfil e as funções do/a educador/a popular, uma vez que este/a promove intervenções socioeducativas também em contextos escolares.

O que revela o estudo do estado do conhecimento

São apresentados, nesta subseção, os resultados do levantamento bibliográfico realizado, bem como as análises dos trabalhos selecionados, considerando-se os parâmetros: verbos que compuseram os objetivos de tais trabalhos; e métodos e procedimentos de pesquisa que foram utilizados. Estes dois parâmetros nos foram úteis

para caracterizar melhor o *corpus* investigado. Na sequência, trazemos a discussão acerca do perfil identitário e das funções do “ser professor/a” na perspectiva da Educação Popular.

A base de dados utilizada para a realização do levantamento bibliográfico foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os trabalhos recuperados que foram selecionados perfazem o recorte temporal entre 2015 e 2018, ou seja, considerou-se o intervalo correspondente ao período mais recente à época de realização da pesquisa, conforme quadro 1.

Quadro 1 – Levantamento de dissertações e teses na plataforma BDTD

Descritores utilizados	Nº. de trabalhos recuperados	Tipos de trabalhos selecionados	Total de trabalhos selecionados
Educador Popular	22	Dissertações: 5 Teses: 1	6
Educação Popular	64	Dissertações: 19 Teses: 10	29
Educador Popular + Professor	1	1 Dissertação	1
Educador Popular + Professor + formação	1	1 Dissertação	1
Total			37

Fonte: Elaboração do autor (2018).

O descritor “Educador Popular” foi pesquisado em separado e associado ao descritor “Professor”. Os trabalhos foram selecionados considerando-se os títulos das dissertações e teses, em primeiro momento. Na sequência, partiu-se para a leitura dos resumos que constavam da presença do descritor de busca e, no terceiro momento, partiu-se para a identificação do descritor nas palavras-chaves. Quando se fez a busca associada entre os descritores “Educador Popular”, “Professor e Formação”, considerou-se a busca a partir da presença dos descritores no título, no resumo e nas palavras-chaves.

Quanto aos objetivos das pesquisas

Utilizamos a taxonomia de Bloom et al. (1956) para analisar os objetivos das dissertações e teses levantadas, conforme a figura 1. Os verbos em sua predominância

utilizados como objetivo estão enquadrados nas categorias: Compreensão, 27 trabalhos; Análise, 29 trabalhos. Enquadrados nas categorias: Síntese, estão 12 trabalhos; e conhecimento, 11, de um total de 36 trabalhos. Na categoria Avaliação, foram encontrados 2 trabalhos, apenas. Não foram encontrados trabalhos cujos objetivos estivessem atrelados à categoria Aplicação.

Figura 1 – Categorias verbais segundo Bloom

				SÍNTESE	AValiação
CONHECIMENTO	COMPREENSÃO	APLICAÇÃO	ANÁLISE		
Apontar	Descrever	Aplicar	Analisar	Armar	Ajuizar
Arrolar	Discutir	Demonstrar	Calcular	Articular	Apreciar
Definir	Esclarecer	Dramatizar	Classificar	Compor	Avaliar
Enunciar	Examinar	Empregar	Comparar	Constituir	Eliminar
Inscrever	Explicar	Ilustrar	Contrastar	Coordenar	Escolher
Marcar	Expressar	Interpretar	Criticar	Criar	Estimar
Recordar	Identificar	Inventariar	Debater	Dirigir	Julgar
Registrar	Localizar	Manipular	Diferenciar	Reunir	Ordenar
Relatar	Narrar	Praticar	Distinguir	Formular	Preferir
Repetir	Reafirmar	Traçar	Examinar	Organizar	Selecionar
Sublinhar	Traduzir	Usar	Provar	Planejar	Taxar
Nomear	Transcrever		Investigar	Prestar	Validar
			Experimentar	Propor	Valorizar
				Esquematizar	

Fonte: Adaptado de Bloom et al. (1956).

No geral, conforme se observa no quadro 3, os trabalhos que constituem o *corpus* investigado optaram por objetivos que se concentram na categoria “conhecimento”, cuja finalidade, segundo Bloom et al. (1956) é a de trazer os conhecimentos à consciência, como possibilidade de significar a quantidade de informações ou fatos específicos que são elaborados/contados/rememorados.

Quadro 3 – Verbos utilizados como objetivos nas produções analisadas, organizados de acordo com a taxonomia de Bloom

Conhecimento	Compreensão	Aplicação	Análise	Síntese	Avaliação
Conhecer	Identificar		Investigar	Criar	Avaliar
Marcar	Traduzir		Analisar	Propor	Selecionar
Apontar	Compreender			Constituir	
Registrar	Descrever			Formular	
Definir	Explicar			Compor	
	Esclarecer			Articular	

Fonte: Elaboração do autor (2018).

Concentra-se também na categoria “compreensão”, que prima pelo entendimento da informação ou fato, que busca os significados e os utiliza em diferentes contextos. E, por último, concentra-se ainda na categoria “síntese”, como possibilidade de combinar partes não organizadas para dar a ideia/compor uma totalidade.

Quanto aos métodos, tipos e procedimentos de pesquisa

Os métodos encontrados nos trabalhos analisados foram: Materialismo Histórico-dialético, Hermenêutica e Método Dialógico problematizador. As técnicas de pesquisa encontradas foram: etnográfica, documental, bibliográfica, estudo de caso, pesquisa-ação, pesquisa de campo, observação ou pesquisa participante. E, os procedimentos de coleta de dados foram: entrevistas, questionário, relatos orais de memória, diários de campo, conforme se vê no quadro 4.

Quadro 4 – Métodos, tipos de pesquisa e procedimentos de coletas de dados encontrados nas teses e dissertações analisadas

Métodos	Técnicas de Pesquisa	Procedimentos de coleta/produção de dados
Materialismo Histórico-dialético	Documental	Entrevista
Hermenêutica	Bibliográfica	Grupo focal
Método dialógico problematizador	Pesquisa-ação	Questionário
	Observação participante	Relatos orais
	Estudo de caso	Diário de campo
	Etnográfica	
	Pesquisa de campo	

Fonte: Elaboração do autor (2018).

Dentre os instrumentos de coleta de dados, o mais comumente utilizado foi a entrevista (semiestruturada, individual, coletiva, roteiro temático, narrativa), que esteve presente em 22 trabalhos analisados.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas (RICHARDSON, 1999, p. 207).

Houve diversas citações de Freire nos trabalhos analisados, um autor que preza muito pelo diálogo, o que, nesse sentido, pode justificar a adoção de técnicas e procedimentos de coleta/produção de dados que implicam a participação de outras pessoas, o envolvimento com elas. Trata-se de primar pelo diálogo como possibilidade de produzir e não coletar dados, como um

[...] encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1987, p. 42).

O diálogo, portanto, deve ser assumido, também, como prática metodológica, como possibilidade de permitir a convivência e esta, por sua vez, ampliar as possibilidades de ocorrência do diálogo. O “ser professor/a”, nessa perspectiva, é atravessado por esta prática, que deve estar provida de amorosidade, respeito, ética. Assim, passamos, na próxima sessão, ao estudo do perfil e das funções do ser professor/a na perspectiva da Educação Popular.

Quanto ao perfil e as funções do “ser professor/a” na perspectiva da Educação Popular

A análise dos trabalhos recuperados na BDTD permitiu entender e compreender o perfil e as funções do/a educador/a popular, especialmente daquele/a que atua nos espaços escolares. Resumidamente, o perfil do/a educador/a popular/a está atrelado a um ensino que leva a uma análise crítica da realidade para transformá-la, rompendo com a relação opressor/oprimido, ou ainda, com as relações autoritárias e arbitrarias tão presentes na educação que se concebe como bancária. A respeito da relação professor/a-aluno/a, o perfil desses/as profissionais aponta a presença da dialogicidade, cujo/a professor/a é entendido/a como desafiador/a da aprendizagem e que ambos, professor/a e aluno/a sejam protagonistas da produção do conhecimento escolar.

Observa-se, nos trabalhos analisados, que o perfil e as funções do “ser professor/a”, na perspectiva da Educação Popular, despontam para o que mostra o

quadro 5. Esse quadro representa a síntese analítica e sistematizada dos dados do inventário descritivo que foi elaborado durante a constituição do *corpus* da pesquisa, quando da realização da leitura flutuante¹.

Quadro 5 – O perfil e as funções do “ser professor/a” identificados nos trabalhos analisados, na perspectiva da Educação Popular

Perfil e funções do/a educador/a – o ser professor/a
É mediador do processo de construção do conhecimento e, para isso, problematiza a realidade social, comprometendo-se com ela e valorizando práticas culturais para a autonomia
Adjacentes a este perfil, tem-se:
1. Faz uso da rigorosidade metódica
2. É acolhedor, dialógico, de escuta atenta
3. Compreende e vive a práxis
4. Tem a capacidade de despertar a autonomia e a capacidade crítico-reflexiva
5. Valoriza a linguagem e o conhecimento prévio do outro
6. Relaciona-se fraternalmente e age eticamente
7. Assume-se progressista, compromissado politicamente

Fonte: Elaboração do autor (2018).

Para compreendermos o perfil e as funções do “ser professor/a”, é preciso problematizar o dilema “ser educador/a” e “se professor/a” que perseguiu toda a pesquisa. Nossas reflexões nos permitiram reconhecer que esse dilema perde sua relevância ao se encarar a formação do/a educador/a para além do âmbito pedagógico ou individualista, para situá-lo na perspectiva de uma proposta e de uma teoria pedagógica que incorpore o caráter político da prática pedagógica e sua dependência da práxis social global, em que se dá a luta hegemônica das classes.

O “ser professor/a”, na acepção mais genuína, é ser capaz de fazer o/a outro/a aprender, desenvolver-se criticamente, o que, por consequência, permite concluir que todo/a professor/a é, por função, educador/a, um intelectual dirigente, orgânico, que não é neutro, como propõe Celso Vasconcellos (2001).

Vasconcellos (2001, p.97) insiste na necessidade de o/a professor/a “ganhar” o aluno para a indispensável mudança que deve ocorrer:

¹ Para a leitura flutuante, foi utilizada uma ficha de análise disponibilizada pela Rede de Pesquisadores sobre o Professor da Região Centro-Oeste (REDECENTRO), a que o projeto que dá origem a este artigo faz vínculo.

Não se trata mais de estudar simplesmente para poder garantir o seu lugarzinho no bonde da História; trata-se, isto sim, de estudar a fim de ganhar competência e ajudar a mudar o rumo desse bonde, ou seja, ajudar a construir uma sociedade onde haja lugar para todos!

O/A professor/a “que sabe”, não pode ficar indiferente, porque ser comprometido/a, engajar-se, ser ético, primar pela transformação, faz parte da sua competência como professor/a. E, se tudo está em transformação e o que permanece é a mudança, somente os oprimidos e as oprimidas podem fazer as mudanças estruturais na história. Entretanto, não quer dizer que as fazem sempre. Aliás, na maioria das vezes, não as fazem, porque leem o mundo com os olhos de seus opressores e opressoras. Fazem a transformação social e, no limite, a revolução, quando se livram do olhar, das lentes opressoras, isto é, quando se conscientizam e se libertam da alienação, que é ler o mundo com os olhos de outrem, passando a lê-lo com as próprias categorias de oprimido/a.

O “ser professor/a” na visão de Freire (1997) é, em primeiro lugar, ser um/a educador/a coordenador da prática educativa, que visa a transformação da educação tradicional, tão comum na atualidade, caracterizada pela irreflexão e pela falta de criticidade política. É pensar educação como política. É refletida na consciência da inconclusão eterna do ser, na abertura da possibilidade de aprendizagem em união, em que um aprendendo, ensina e o outro ensinando, aprende. Faz-se necessário, nessa prática, que não falte o rigor que busca a disciplina intelectual, desde que não esteja ligado à falta de afeto ou caracterizado por uma experiência fria e sem alma.

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 1997, p. 31).

Numa perspectiva crítica, para que a efetiva aprendizagem aconteça, é necessário a construção de sujeitos socialmente questionadores e não passivos em relação a construção de conhecimento. A educação transforma as pessoas e essas, por conseguinte mudam o mundo. Para Paulo Freire (1987), ensinar não é fazer transferência de conhecimento, mas sim, oferecer condições para que ocorra a

construção desse conhecimento, garantindo a autonomia no processo de ensino e aprendizagem.

Com Freire (1997), é possível anunciar a necessidade da reflexão crítica sobre a prática para que essa se torne epistemológica. É necessário que o distanciamento da teoria e a prática seja estreitado. Tomar consciência das falhas práticas e teóricas faz com que a ingenuidade se torne rigorosidade na medida em que o “aprender errando” se torna “aprender refletindo criticamente sobre o erro”. Estar “aberto” para mudanças faz-se indispensável nesse processo contínuo se não possivelmente infundável.

Não se pode desprezar que a pesquisa está diretamente relacionada ao ensino e serve para conhecer o novo e junto com esse, anunciá-lo. É útil para transformar a criticidade ingênua em epistemológica. Assim, a crítica praticada pelo senso-comum (criticidade ingênua) pode vir a se tornar epistemológica mudando sua qualidade, mas não sua essência. Tolher a curiosidade do educando por parte da ação do/a educador/a é, por consequência, se auto tolher. Essa curiosidade silenciadora e tóxica corrompe o pensar. Sem a curiosidade que inquieta, que move, que insere o indivíduo na busca pelo saber, não há aprendizagem ou ensino. No entanto, uma curiosidade domesticada faz parte de uma concepção bancária, em que apenas se grava e não se apreende o real significado daquilo que está memorizado e sendo reproduzido. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica vai se tornando (FREIRE, 1997).

Por último, é preciso recuperar o sentido da expressão Freiriana de que a discência não existe sem a docência reciprocamente, ou seja, não se trata de uma educação elaborada e produzida para, mas com o/a educando/a, num intenso processo dialógico. O/A educador/a é, assim, aquele/a que se põe ao diálogo, que inclui, que preza por esse na sua prática, que trabalha em comunhão.

Desde a perspectiva dialógica de Freire (1987), o/a educador/a popular não se constitui, por um lado, em um transmissor de informações descontextualizadas da realidade dos sujeitos com quem atua. Mas também não se reduz a um facilitador de aprendizagens, como várias perspectivas pedagógicas de cunho não-diretivo propuseram historicamente. Entre um extremo e outro, Freire (1987) compreende que o/a educador/a é um sujeito indispensável ao diálogo, uma vez que, se o recusasse como princípio e método, conduziria ao “diálogo de um só”, ou seja, apenas a palavra dos/as educandos/as seria proferida, muito provavelmente desprovida da leitura crítica, da reflexão que, articulada à ação, torna-se práxis (FREIRE, 1987).

Desponta nos trabalhos analisados, o perfil d/a educador/a popular como mediador/a do processo pedagógico, que não se restringe a transmitir e até ensinar ou, por outro lado, a facilitar aprendizagens ou informações. Nos trabalhos, seu perfil define-se entre essas duas funções, em torno das quais se construiu o debate sobre os/as educadores/as e a Educação, ao longo do tempo. Assim, pensar a perspectiva da mediação no campo da Educação Popular requer o protagonismo dos/as educadores/as na constituição de uma práxis pedagógica específica, com intencionalidade política e princípios éticos e estéticos, políticos e pedagógicos próprios, definidos a partir do fortalecimento das classes populares como sujeitos de produção e comunicação de saberes próprios, autênticos, objetivando a transformação sociocultural.

Assim, as variadas experiências em Educação Popular, especialmente na escola, conforme se verifica nos trabalhos analisados, vem se afirmando e contribuindo para a formação de um/uma educador/a cujo perfil é condicionado, não apenas pelo contexto educativo em que se debruça, escolar ou não escolar, mas também pelos princípios que orientam a epistemologia assumida. Dessa forma, educandos/as e educadores/as formam-se mutuamente, ao longo do processo educativo, ou melhor, “[...] já não se pode afirmar que alguém liberta alguém, ou que alguém se liberta sozinho, mas os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 130).

Considerações finais

Por meio da realização do estudo do estado do conhecimento acerca do objeto investigado é possível concluir que no seu sentido estrito, o/a educador/a popular tem uma origem, um local de nascimento, uma trajetória própria, em suma, uma história que lhe confere uma identidade singular que o distingue dos/as demais educadores/as. Nasceu no universo da Educação Popular, como uma criação originária da América Latina e, mais especificamente, do Brasil. Como concepção da educação, a Educação Popular é uma das mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal.

E, no seu sentido amplo, por educador/a popular entende-se aquele/a que, por meio de sua ação educacional, na condição de mediador/a do processo de produção do conhecimento, se dirige às camadas sociais, portanto ao povo, primando pela transformação de projetos de nação, em defesa de uma educação laica, de qualidade social, democrática, gratuita, para todos e todas. De fato, a educação não tem finalidade em si mesma, porque ela é sempre meio para a formulação, implantação e implementação de projetos sociais.

Por último, é possível considerar que a Educação Popular, como prática educacional e como teoria pedagógica, disseminou-se sempre voltada para a defesa dos direitos e interesses populares e levada a cabo por educadoras/es engajadas/os na resistência às mais variadas formas de opressão, considerando-se também, os contextos escolares de produção sistematizada do conhecimento que se coloca como emancipador e transformador da realidade opressora e excludente.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BLOOM, B. S. *et al.* **Taxonomy of educational objectives**. New York: David McKay, v.1, 1956.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MOROSINI, M. C. Estado de Conhecimento e questões do campo científico. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Educação de adultos**: cenários, perspectivas e formação do educador. Brasília: Liber Livro, 2007.

VASCONCELLOS, C. **Para onde vai o Professor?** Resgate do Professor como Sujeito de Transformação. São Paulo: Libertad, 2001.